

ENTREVISTA | VINÍCIUS DE OLIVEIRA

ATOR

‘Sair do eixo é mais do que uma obrigação’

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Josué, o órfão em busca de um pai que fez o mundo amar “Central do Brasil” (1998), em sua troca com a escrevedora de cartas Dora (Fernanda Monte-

negro), já foi visto e aplaudido pelos dois filhos de Vinícius de Oliveira, cria do Complexo da Maré que foi parar no Oscar, no fim da década de 1990. Seus meninos, Benjamin, de 13 anos, e Antônio, de 11, já viram (mais de uma vez) o pai a correr pelo Nordeste, sob a direção de Walter Salles, numa trajetória que, fora das telas, colocou o país na corrida do Oscar.

O guri do Complexo da Maré decidiu profissionalizar seus talentos dramáticos depois do êxito mundial do filme que, três décadas atrás, rendeu-nos o Urso de Ouro. Foi estudar Artes Cênicas, sem deixar de atuar. Aos 41 anos de vida, ele festeja seus 30 anos de carreira no 54º Festival de Gramado, aonde foi a fim de arrebatar multidões e, quiçá, trazer um Kikito para casa, concorrendo em duas frentes.

Nesta terça, será visto na disputa oficial de longas com “Leite em Pó”, primeiro longa de ficção de Carlos Segundo, e também participa do certame de curtas-metragens com “Pão Doce”, de Wesley Gabriel. No filme de Segundo, ele interpreta um homem de 40 anos, criado pela avó e fechado num universo particular dominado pelo rock, que precisa sair da zona de conforto à força de uma tragédia familiar.

“Pão Doce”, sobre exploração laboral, passa esta noite também. Nesta entrevista ao Correio da Manhã, Vinícius fala sobre a relação com Josué, a influência de “Central do Brasil”, o momento em que se reconheceu como ator profissional, a experiência de filmar fora do eixo Rio-São Paulo.

Você tem construído uma carreira em parceria com realizadores que têm propostas muito autorais e, muitas vezes, ousadas, como José Eduardo Belmonte, com que fez “Quase Deserto”, e, agora, Carlos Segundo. É uma escolha consciente?

Vinícius de Oliveira - Curiosamente, na maioria das vezes, são eles que chegam até mim. Eu assisto ao trabalho dessas pessoas e tenho vontade de trabalhar com elas, certamente, mas foram elas que tiveram a iniciativa de me procurar. Todos têm muito carinho por “Central do Brasil”, são muito ligados ao Josué e, quando estão escrevendo um personagem, pensando num lado mais terno, acabam se lembrando de mim. Foi assim com Allan Deberton, com quem acabo de fazer



“Adoção”. E foi assim também com Carlos Segundo. Eu o conheci numa mostra que ele fazia em Minas Gerais e, anos depois, ele veio atrás de mim dizendo que faria seu primeiro longa de ficção e que tinha pensado muito em mim. Foi dessa maneira.

Você costuma dizer que gosta de personagens populares. De onde vem essa identificação?

Eu sou muito ligado a essa questão popular por causa de onde venho do Rio de Janeiro: a Maré. Gosto de contar histórias que tenham um diálogo muito aberto e franco com a população, com o espectador, com quem vai assistir. Gosto de fazer todo tipo de cinema, mas às vezes fico interessado em filmes muito “cabeça”, que acabam ficando num nicho muito nosso. Aí, eu penso: por que não furar essa bolha?



Rodrigo Fonseca

“Sou muito ligado a essa questão popular por causa de onde venho do Rio de Janeiro: a Maré. Gosto de contar histórias que tenham um diálogo muito aberto e franco com quem vai assistir”